



Futebol amador: História, memória e patrimonialização

RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO*

Resumo: O presente texto tem por objetivo promover reflexão a partir da experiência de produção do Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte. Iniciada em 2016, a investigação realiza-se por meio de pesquisas de campo, coletas de acervo e relatos orais e reúne, até o momento, dados sobre mais de 20 agremiações da cidade. O exame dos indícios permite traçar aproximações entre a história do futebol de várzea na capital mineira, inserindo o debate em perspectiva com outros casos brasileiros já documentados. Essas percepções da prática esportiva em sua duração são capazes de evidenciar as múltiplas articulações entre a modalidade atlética e os processos sociais, como, por exemplo, a transformação do tecido urbano. Tal trajetória do futebol amador indica uma historicidade própria, que muitas vezes se distancia da prática profissional desse esporte e coloca em questão a necessidade de ampliação de estudos sobre formas de se vivenciar esse fenômeno social.

Palavras-chave: futebol amador, história do esporte, memória

Introdução

Mesmo antes que se iniciasse a produção acadêmica sistemática acerca do futebol como fenômeno cultural, o que ocorreu principalmente a partir da década de 1990, já havia reconhecimento social da importância da prática para construção da identidade nacional, bem como de vínculos de pertencimento locais. Seja via periodismo esportivo, seja por meio de publicações de natureza memorialística ou ensaística, havia debate razoavelmente disseminado acerca da centralidade dessa modalidade atlética na construção de sentimentos de comunidade que unem brasileiros ou membros de grupos mais específicos.

Apesar dessa percepção, mais ou menos consensual, a qual poderia variar em relação aos usos políticos que se faziam da prática, mas que, ainda assim, reconhecia sua força de mobilização social; poucos foram os casos em que essa concepção desembocou em medidas de reconhecimento do valor cultural do futebol, com a adoção de medidas que promovessem a modalidade sob esse aspecto ou que propusessem medidas de proteção da manutenção da expressão. Talvez porque essa noção tão arraigada no senso comum não afetasse os

* Doutorando no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV, mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Técnico Nível Superior/Patrimônio Cultural do Museu Histórico Abílio Barreto/Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

responsáveis pelas ações patrimoniais, talvez porque não se identificasse risco de desaparecimento ou de descaracterização da manifestação. Da mesma forma, as reflexões acadêmicas, ainda que enfatizassem os traços culturais desse esporte, praticamente não desenvolveram essas possibilidades de articulação.

Raros foram os casos em que tal junção entre futebol e patrimônio se deu, sendo o tombamento do Parque do Povo pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – CONDEPHAAT, no Estado de São Paulo, um dos mais exemplares. O reconhecimento do complexo de campos dedicados ao futebol amador desde a primeira metade do século foi fruto de uma articulação entre o órgão consultivo e pesquisadores da USP, de áreas como Antropologia, Geografia e História (MAGNANI; MORGADO, 1996 e SCIFONI, 2013). Caso de proteção de fachadas de estádios a exemplo do Maracanã e do Mineirão também são notórios.

O desenvolvimento do Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte, projeto conjunto da Fundação Municipal de Cultura e da Secretaria de Esporte e Lazer, articula-se com essas outras experiências, buscando incorporar mecanismos de salvaguarda mais adequados, baseados na percepção da prática como possível patrimônio imaterial da cidade. Neste texto, busca-se apresentar os princípios básicos do trabalho, bem como refletir acerca dos desafios de tratar a expressão amadora dessa modalidade, com apontamentos de algumas características próprias dessa manifestação esportiva e cultural que indicam limites das interpretações até então consolidadas na historiografia do futebol brasileiro.

O Projeto

O Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte trata-se de parceria da Fundação Municipal de Cultura – FMC e da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer – SMEL que teve início em 2016 e foi instituída pela PORTARIA CONJUNTA FMC/SMEL N° 001/2016. Para seu desenvolvimento foi constituído grupo de técnicos que reúne membros, pela FMC, da Diretoria de Patrimônio, da Diretoria de Museus e Centros de Referência e da Assessoria do Gabinete, e pela SMEL, do Centro de Memória do Esporte e do Lazer e da Gerência de Planejamento e Controle de Equipamentos Esportivos. A iniciativa tem por objeto subsidiar tanto o desenvolvimento das políticas públicas de esporte, quanto de medidas voltadas para o registro e a preservação do patrimônio cultural do município.

Para se compreender a atual conformação desse meio esportivo, vale recapitular que a constituição de equipes que depois viriam a ser denominadas amadoras remonta ao processo de introdução do futebol em Belo Horizonte. Logo após a criação dos primeiros clubes no ano de 1904, os quais tinham forte vínculo com as classes médias e altas locais, tal prática atlética vivenciou, ainda na década de 1910, um rápido fenômeno de popularização, com a formação de agremiações em bairros suburbanos, de perfil operário (RIBEIRO, 2007, p. 72). Mesmo que houvesse pequeno número de competidores nos primeiros campeonatos promovidos na cidade pela Liga Mineira de Deportes Terrestres, uma distinção entre aquelas equipes mais tradicionais e os times de extração proletária já se impunha com a presença de duas divisões, que separavam os grupos (RIBEIRO, 2007, p. 90).

Assim, a marca estabelecida entre os futebóis profissional e amador, a partir da regulamentação do novo regime de trabalho dos jogadores em 1933, remete à constituição de diferenças que já eram gestadas desde o início de seu processo de popularização. Como destacam Lage e Medeiros (2014, p. 9-10), foi na 1ª divisão, que reunia os clubes tradicionais, que se concentraram as agremiações que fizeram a transição para o novo sistema, enquanto as demais entidades mantiveram-se naquela que se tornaria a divisão amadora da capital.

A emergência do profissionalismo, portanto, terminou por estabelecer diferenciação no campo esportivo local, ao criar um circuito competitivo próprio do futebol amador ou de várzea, no qual dezenas de clubes de Belo Horizonte se engajaram. Tal distinção, no entanto, não se deu de forma automática ou imediata, como será visto adiante, estendendo-se ao longo de um período mais alargado.

Ainda hoje, o futebol amador mobiliza parcela considerável da população local. Para que se tenha uma ideia, segundo levantamento da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer², a cidade possui mais de cem campos de várzea. Nos campeonatos promovidos pela Federação Mineira de Futebol, por meio de seu Setor de Futebol Amador da Capital, há o envolvimento de ao menos 144 clubes, distribuídos em diferentes divisões³ e que, em todas as categorias, inscrevem mais de 12 mil atletas a cada ano nos torneios, incluindo-se cerca de 500 mulheres. Esse universo refere-se apenas às entidades que se engajam no circuito

² Mapa Interativo – Secretaria Municipal Adjunta de Gestão Compartilhada. Disponível em <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/mapainterativo.html>, acessado em 21 de julho de 2016.

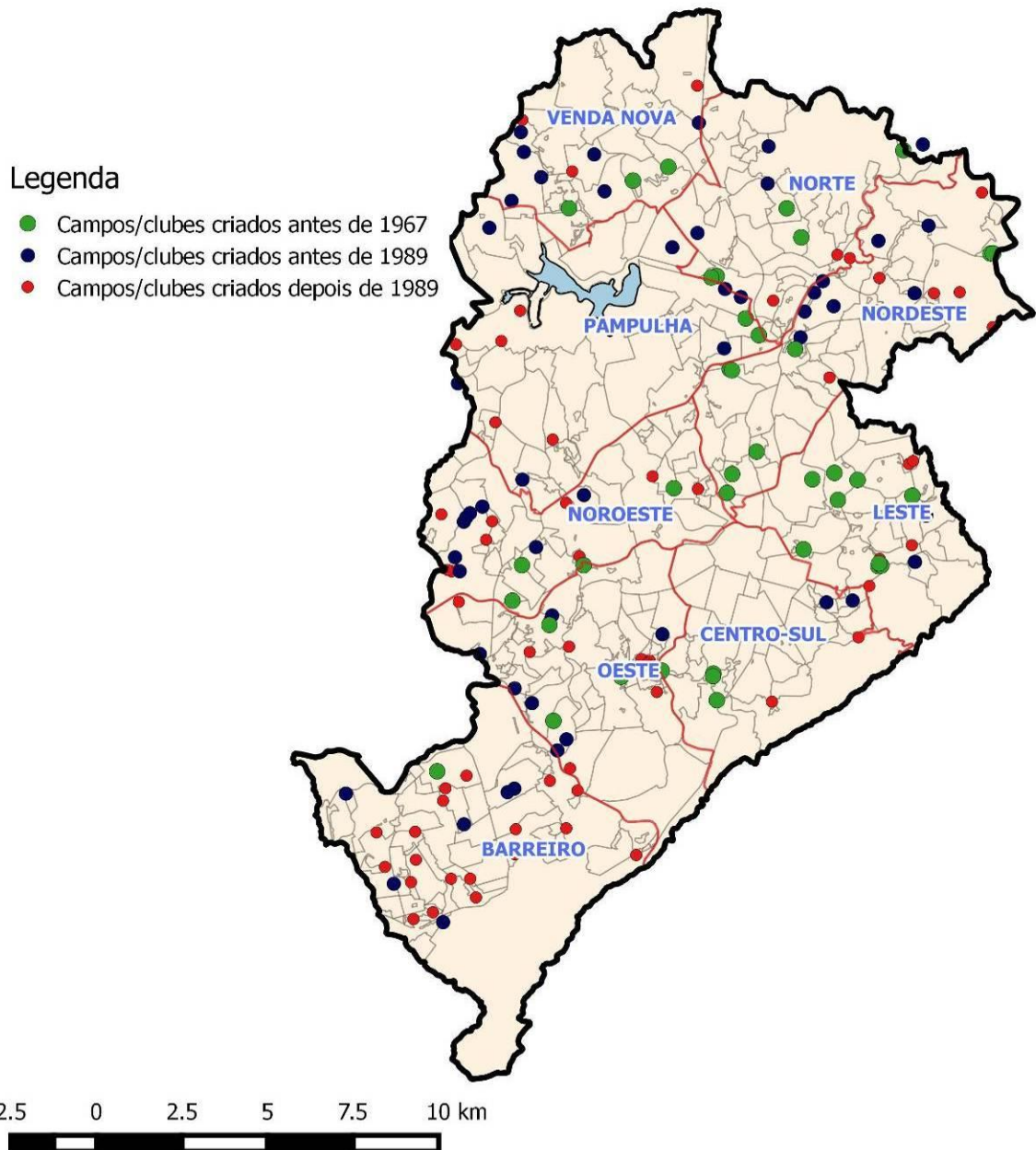
³ Classificação SFAC Módulo I 2016. Disponível em <http://fmf.com.br/Competicoes/ProxJogos.aspx?d=8>, acessado em 21 de julho de 2016.

competitivo oficial, havendo uma variedade de copas independentes que mobilizam número ainda superior ao apresentado. Como medida da participação do público torcedor, cita-se, por exemplo, a final da Copa Itatiaia realizada em 24 de janeiro de 2016, no Estádio Independência, a qual reuniu 16.449 pessoas.⁴

O mapa a seguir representa a distribuição dos campos de jogo pela cidade de Belo Horizonte. Baseado em levantamentos aerofotogramétricos do município, bem como em imagens de satélite, indica aqueles espaços de jogo que existem há mais de 50 anos ou vinculados a clubes com essa longevidade, o mesmo se aplica aos que existem há cerca de 25 anos, bem como aos que foram criados no último quarto de século.

⁴ De virada, Campolina vence Ica no Independência e fatura o segundo título da Copa Itatiaia, *Copa Itatiaia*, 24 de janeiro de 2016. Disponível em http://copa.itatiaia.com.br/informacao_detalhes/151, acessado em 21 de julho de 2016.

Campos de futebol amador em Belo Horizonte



Fonte: Levantamentos aerofotogramétricos do Município de Belo Horizonte 1953, 1967 e 1989 e imagens de satélite Google Earth. Acervo: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH; Empresa de Processamento de Dados do Município de Belo Horizonte – PRODABEL; Google Earth. Elaboração do autor.

Desde o final dos anos 1940, observa-se o desenvolvimento de política públicas dedicadas aos clubes menores, inseridos no circuito amador. Órgão responsável por essas

medidas foi o Conselho Municipal de Esportes⁵. Sua atuação incidia principalmente sobre a oferta de recursos para aquisição de materiais pelas agremiações e beneficiamentos nos campos de jogo ocupados pelas entidades.

Algumas medidas de reconhecimento dos clubes pelos poderes legislativo e executivo municipal foram observadas durante a segunda metade do século XX, com a atribuição de dezenas de títulos de utilidade pública e a concessão de inúmeras permissões de uso de terrenos da Prefeitura para a instalação de campos. Notadamente, com a criação da Secretaria de Esportes na década de 1980, houve uma política sistemática de disponibilização de áreas ou de regulamentação de cessão de espaços ocupados por agremiações do meio amador local.

Acerca da ocupação de áreas da Prefeitura por clubes, no ano de 1997, foi sancionada Lei que tornava inalienáveis os terrenos públicos municipais então utilizados como campos de futebol amador⁶. Tal regulamentação nunca se efetivou, já que não foi realizado levantamento acerca dos locais à época utilizados para tal fim.

Da mesma forma, ao longo das últimas duas legislaturas, foi apresentado projeto de lei sob o número 1.373, em 2010, e 1.634, em 2015, que “Autoriza o Executivo a criar o programa de preservação, revitalização e tombamento dos Campos de Futebol de Várzea em Belo Horizonte”⁷. A última proposição chegou a ser aprovada em plenário, mas foi vetada pelo executivo dado o vício de origem advindo da interferência da Câmara dos Vereadores sobre a atuação do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município, órgão competente para decidir sobre as medidas protetivas relativas ao patrimônio⁸.

Apesar da não efetivação do projeto de lei, ele serviu para evidenciar desejo dos clubes e de suas entidades representantes de manutenção de seus espaços de jogo. Além disso, por meio dos pareceres emitidos pela Diretoria de Patrimônio Cultural, ligada à Fundação Municipal de Cultura, foi indicada a possibilidade de medidas mais apropriadas, dadas pelo reconhecimento da prática como manifestação de natureza imaterial, o que orientou o desenvolvimento de projeto que fosse capaz de sistematizar informações e embasar uma política de salvaguarda relacionada àquela expressão cultural.

⁵ Instituído pela Lei Municipal nº 26 de 4 de junho de 1948.

⁶ Lei Municipal nº 7.278, de 17 de janeiro de 1997.

⁷ Projeto de Lei Municipal nº 1.634/15.

⁸ Cf. Proposição de Lei Nº 6/16, publicada no Diário Oficial do Município de Belo Horizonte em 1º de março de 2016.

O Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte parte da percepção de que o fenômeno trata-se não apenas de uma das mais abrangentes atividades esportivas e de lazer, mas reveste-se de diversos outros significados para seus adeptos: cria laços sociais entre os moradores de uma região, estabelece vínculos de pertencimento e de valorização do território que ocupam, serve de instrumento educacional de formação para cidadania e de forma de expressão da cultura popular. Sua realização envolve para além dos jogadores, um sem número de pessoas que se engajam na organização dos clubes, na manutenção das equipes, no apoio aos times e na oferta de serviços associados (transporte, alimentação, cuidado com os campos, lavagem dos uniformes etc.)

Em que pese a importância dessa prática esportiva popular e sua grande penetração social, os clubes amadores vivenciam uma dinâmica de incertezas e de instabilidade, dada sua forma espontânea de organização, o engajamento não-profissional de seus realizadores, as dificuldades financeiras para manutenção das atividades e a precariedade da posse dos campos. Todo esse quadro implica numa constante transformação do cenário do futebol amador, com sucessivos desaparecimentos e criações de clubes por toda Belo Horizonte.

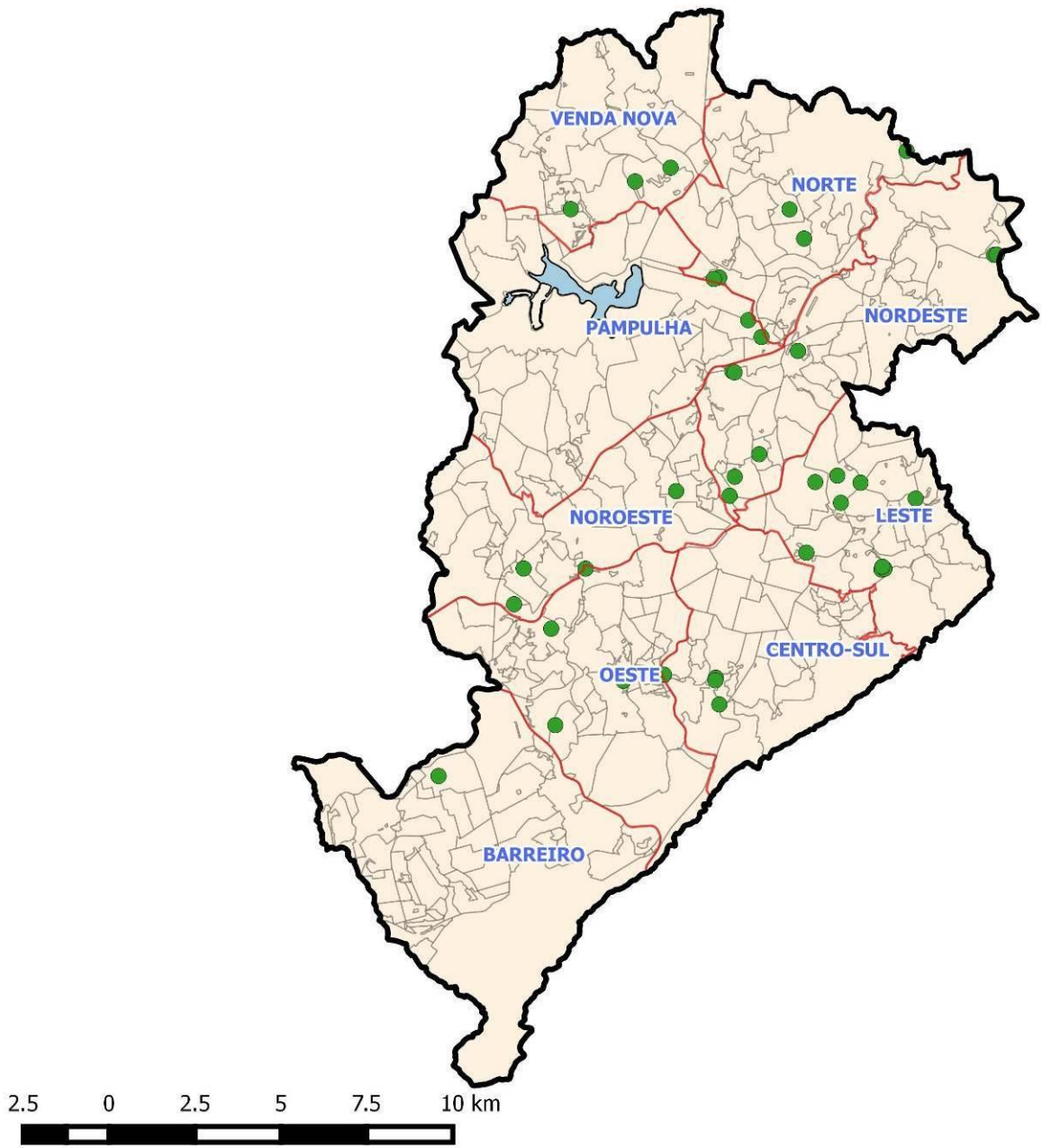
Nessa medida, muitas informações sobre essa prática se perdem, seja sobre seu passado e seja acerca de suas formas de organização. Tal situação implica na disponibilização de pouco lastro para que se possam construir e avançar em políticas públicas para o futebol amador, entendido aqui como um fenômeno amplo, de inegável cunho esportivo e de lazer, mas também de caráter educativo e cultural.

Seguindo essa perspectiva, a comissão responsável pela elaboração do Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte propôs coletar informações sobre as entidades e os campos dedicados à prática, com vistas à produção de fichas de inventário. Esse material reúne informações básicas, dados históricos, identificações de relações dos times e espaços de jogos com a comunidade do entorno, registros fotográficos e entrevistas com os envolvidos.

Estão sendo pesquisados os campos e as entidades mais antigas, que se formaram há mais de cinquenta anos. Nesta fase do projeto serão abordados mais de 40 times, que abrangem todas as regionais da cidade. Todo esse material será disponibilizado por meio do Centro de Memória do Esporte e do Lazer – CEMEL/SMEL, bem como subsidiará avaliação do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município sobre a importância da prática do futebol amador e as eventuais medidas de proteção e salvaguarda que venha a receber.

O mapa a seguir apresenta a localização dos campos das entidades privilegiadas no estudo.

Campos e clubes selecionados para o inventário do futebol amador em Belo Horizonte



Fonte: Levantamentos aerofotogramétricos do Município de Belo Horizonte 1953, 1967, 1981 e 1989 e imagens de satélite Google Earth. Acervo: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH; Empresa de Processamento de Dados do Município de Belo Horizonte – PRODABEL; Google Earth. Elaboração do autor.

As pesquisas de campo para elaboração das fichas de inventário têm recorrido, principalmente, a entrevistas com membros das agremiações. Mais recorrentemente são coletados depoimentos de dirigentes que atualmente gerem os clubes, sejam eles presidentes, vice-presidentes, diretores de esportes ou representantes, assim como pessoas que tem ligação histórica com a entidade, com especial interesse em seus fundadores. Além dos relatos orais, também se realiza levantamento de acervos documentais, iconográficos e tridimensionais, com eventual digitalização do material. Nas visitas aos espaços são produzidos registros fotográficos que compõe as fichas.

Abaixo está a lista dos clubes que já foram pesquisados até o momento. Nem todos possuem campo próprio, assim, para alguns é produzida apenas a ficha relativa à entidade.

Entidade	Data de Fundação	Regional	Fichas produzidas
ALVORADA Futebol Clube	03/08/1936	Oeste	Entidade e Lugar
AVANTE Futebol Clube	03/08/1943	Centro-Sul	Entidade
BETÂNIA Esporte Clube	01/05/1964	Oeste	Entidade e Lugar
Associação Atlética CACHOEIRINHA	31/01/1951	Nordeste	Entidade e Lugar
Associação FERROVIÁRIA Esportiva	10/01/1964	Norte	Entidade
GRÊMIO MINEIRO de Esportes	21/04/1947	Noroeste	Entidade e Lugar
ICA Futebol Clube	17/12/1954	Nordeste	Entidade e Lugar
INCONFIDÊNCIA Esporte Clube	11/06/1944	Nordeste	Entidade e Lugar
MONTE AZUL Esporte Clube	01/01/1949	Leste	Entidade
PARAÍSO Esporte Clube	09/10/1968	Leste	Entidade e Lugar
PARQUE RIACHUELO Futebol Clube	14/06/1934	Noroeste	Entidade
PITANGUI Esporte Clube	27/05/1936	Nordeste	Entidade e Lugar
Associação Atlética POPULAR	12/05/1951	Nordeste	Entidade e Lugar
REUNIDOS Esporte Clube	16/12/1946	Noroeste	Entidade e Lugar
RIVIERA Atlético Clube	02/02/1969	Leste	Entidade e Lugar
SANTA CRUZ Futebol Clube	03/05/1951	Nordeste	Entidade e Lugar
Esporte Clube SANTA MARIA	09/01/1958	Centro-Sul	Entidade e Lugar
SÃO BERNARDO Esporte Clube	02/10/1952	Norte	Entidade e Lugar
Sociedade Esportiva SÃO JOSÉ OPERÁRIO	11/07/1965	Pampulha	Entidade e Lugar

SÃO LUIZ Futebol Clube	11/07/1965	Oeste	Entidade e Lugar
Associação Esportiva SAUDADE	05/01/1955	Leste	Entidade e Lugar
Associação Esportiva SUZANA	23/06/1953	Pampulha	Entidade e Lugar
TAÇA DE OURO Futebol Clube	14/02/1968	Pampulha	Entidade e Lugar
Associação Esportiva TUPINAMBÁS	01/02/1947	Leste	Entidade e Lugar
Associação Atlético TUPINENSE	10/05/1965	Norte	Entidade e Lugar
Esporte Clube UNIDOS DA BRASILINA	10/04/1946	Leste	Entidade
VENDA NOVA Futebol Clube	12/01/1930	Venda Nova	Entidade e Lugar

A opção de produção de fichas de lugares dialoga com a metodologia apresentada no manual de aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (IPHAN, 2000), bem como nos usos feitos pelo Instituto Estadual do Patrimônio História e Artístico de Minas Gerais – IEPHA. Ambos dividem o levantamento do patrimônio imaterial nas categorias de celebrações, edificações, formas de expressão, lugares e ofícios e modos de fazer. A incorporação da ficha entidade se deu pela percepção da centralidade da estrutura associativa para o desenvolvimento da prática esportiva e cultural.

Ao final da produção das fichas, acolhida pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município a proposta de registro do futebol amador como patrimônio imaterial da cidade, será necessária a formulação de plano de salvaguarda da manifestação, para o que se prevê fase de articulação do poder público com os envolvidos e demais interessados. Essa etapa visa a pactuação de medidas para sustentabilidade da prática.

Questões emergentes sobre o futebol amador

Com base no levantamento realizado até o presente momento, bem como na bibliografia sobre o futebol amador no Brasil, é possível traçar algumas questões relativas às particularidades desse fenômeno. A percepção das peculiaridades da prática em sua expressão amadora permite a proposição de reflexões sobre os limites da produção sobre essa modalidade em sua forma mais reconhecida, o futebol profissional, ou como classificado por Arlei Damo, de matriz espetacularizada (DAMO, 2007, p. 36).

Uma rápida aproximação da prática do futebol amador permite perceber que essa atividade compartilha de culturas próprias, as quais, ainda que referenciadas na expressão profissional do esporte, possuem características específicas. Tal condição se torna ainda mais

evidente quando são mobilizadas as memórias acerca de sua trajetória, as quais apontam regularmente para os aspectos particulares dessa manifestação.

Assim, é possível notar organização diversa da prática que não reproduzem apenas as estruturas dos treinos e das partidas do futebol profissional. Há recorrência de outras formas de desenvolvimento da modalidade. Os sentidos projetados sobre o fenômeno também varia. Um exemplo dessa particularidade da expressão popular do jogo é o vocabulário específico que mobiliza com termos como “festivais”, “juízes de barranco”, “times de sábado”, “esfria sol”, “prova de honra”, “madrinha da bola”, “alvorada” etc.

A trajetória específica do futebol amador constitui circuitos de competição específicos, gerando diferenciações dentro do próprio universo da prática popular da modalidade. No caso belo-horizontino, por exemplo, há distinção entre as agremiações filiadas à Federação Mineira de Futebol e aquelas que não são registradas. Para cada uma delas, um conjunto particular de torneios se constitui.

A filiação à Federação Mineira de Futebol, por meio de seu Setor de Futebol Amador da Capital – SFAC garante a possibilidade da agremiação participar das competições de maior visibilidade, já que, de acordo com a classificação na primeira ou na segunda divisão do campeonato adulto da entidade, conquistam-se vagas para os torneios de maior visibilidade, que recebem cobertura de veículos da grande imprensa.

O Torneio Corujão promovido pela Rede Globominas, que tem jogos noturnos, e a Copa Itatiaia, organizada pela rádio homônima durante o período de férias do futebol profissional, entre dezembro e janeiro, são as competições mais prestigiadas do meio amador local. Completando o circuito principal, está a Copa Centenário, realizada pela Prefeitura de Belo Horizonte, que reúne clubes filiados e não filiados à FMF e que oferece uma vaga para cada uma das disputas citadas anteriormente.

Para além de um universo que poderia se chamar de oficial do futebol amador, há uma diversidade de competições independentes, que criam circuitos próprios de clubes não federados. Boa parte dessas equipes joga aos sábados, de modo que os atletas podem atuar tanto em torneios mais descontraídos, formando times com amigos e vizinhos nestes dias, quanto podem participar de disputas mais sérias e de maior visibilidade nos domingos.

Algo muito central nas memórias dos envolvidos com o futebol amador são as disputas para manutenção de um campo de jogo, bem como as narrativas acerca das eventuais

perdas desse espaço. A posse de uma área onde os clubes desenvolvam suas atividades é visto como fundamental para a continuidade de uma equipe. Assim, a garantia de um lugar onde possa mandar suas partidas, ao lado da filiação à FMF, surge como fator de distinção entre as equipes consideradas mais ou menos competitivas.

A manutenção de um campo também é fator de desenvolvimento da prática na região, já que, para além do clube responsável pelo gerenciamento do espaço, outras equipes usufruem do local, ocupando horários pré-determinados e ajudando no custeio da estrutura. O lugar ainda pode ser palco de torneios independentes, que permitem a sua dinamização, por um lado, sendo que, por outro, movimentam o calendário de jogos de agremiações não filiadas.

Pelo desenvolvimento de uma cultura própria ou pela centralidade que o espaço físico e, por consequência, os vínculos comunitários que se articulam a partir dali, tem no futebol amador, ele dialoga muito diretamente com os fenômenos urbanos. Nessa medida, a trajetória da prática é especialmente afetada por transformações da cidade e pelas novas dinâmicas que vivencia.

O fato de estar mais afeta a outras variações para além de sua dinâmica interna, faz do futebol amador um fenômeno social mais capaz de assumir cores locais do que sua expressão profissional que, por ser espetacularizada e ordenada por um sistema internacional controlado pela FIFA (DAMO, 2007, p. 36), sofre menos variações. Memórias e trajetórias dessa vertente popular da modalidade, tal qual evidenciam os diversos relatos coletados ao longo da pesquisa para elaboração do Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte, articulam-se com identidades regionais, em escala de bairros ou vizinhanças.

Em que pese essa perspectiva micro que o futebol amador evoca, é possível, por meio da bibliografia que vem sendo produzida acerca dessa expressão esportiva, identificar algumas similaridades com experiências desenvolvidas em outras cidades brasileiras. A produção acadêmica recente concentra-se principalmente na antropologia. Mesmo as pesquisas desenvolvidas em outros programas de pós-graduação remetem aos métodos de investigação etnográficos. Nessa perspectiva, há vasta literatura sobre o presente desse fenômeno esportivo, em estados como São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Minas Gerais e Goiás (GOMES, 2013; GONÇALVES, 2002; GONÇALVES, 2011; HIRATA 2005; MYSKIW, 2012; PIMENTA, 2009; RIGO; JAHNECKA; SANTOS, 2001; SILVA,

2008; SILVA, 2009; SILVA, 2010 e SPAGGIARI, 2008 e 2015.) No caso da capital paulista, ainda há trabalhos de cunho histórico, como a dissertação “A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)” (SILVA, 2013) e o artigo “Futebol de várzea and the working class – amateur football clubs in São Paulo, 1940s – 1960s” (FONTES, 2014), que recorreram a fontes documentais e depoimentos orais.

Essa bibliografia já relativamente vasta permite notar que, em que pese as características locais que o futebol amador carrega, há uma cultura compartilhada que reverbera nas diferentes realidades, o que aponta para circularidade de informações que ainda está por ser investigada. Da mesma forma, tal produção permite dimensionar os elementos que são particulares em relação ao circuito belo-horizontino quando comparado a outros cenários. Nessa perspectiva, por exemplo, observa-se que a centralidade da organização da prática pela Federação Mineira de Futebol é traço específico em contraposição aos casos estudados.

A pouca existência de pesquisas de natureza histórica sobre o fenômeno também se constitui em característica perceptível do conjunto da literatura sobre o futebol amador. A ausência de estudos que acompanhem o fenômeno na duração temporal compromete a busca de explicações para a atual configuração da prática, a qual claramente dialogou com inúmeros processos de transformação do tecido urbano e das relações sociais que se desenvolvem ali. A ampliação desse tipo de investigação permitirá a melhor compreensão de uma série de características que o jogo assume hoje.

Por meio das entrevistas e do levantamento documental que vem sendo realizado para elaboração do Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte, percebe-se que essa modalidade atlética passou por inúmeras transformações ao longo do século XX e o início do século XXI na capital mineira. Compreender essas mudanças, tal como suas permanências são fundamentais para compreender a atual inserção dessa prática esportiva e cultural.

Nessa perspectiva, ao se deparar com os processos que são próprios desse fenômeno social, evidencia-se mais claramente que ainda encontramos um limite na produção acadêmica acerca do futebol. Se quando a historiografia se volta para a introdução do esporte no Brasil e os processos de popularização da prática decorrentes dessa chegada, ela já se mostra abrangente, com importantes trabalhos na linha da História Social, do qual o livro

Footballmania (PEREIRA, 2000) é o principal representante, o mesmo não se observa para literatura pós-profissionalização, ou seja, posterior à década de 1930.

Aí, ainda há grande lacuna no que se refere às outras formas de prática do futebol para além daquela vinculada aos clubes profissionais. Observa-se, em boa parte da produção historiográfica do futebol pós-1930, uma tendência de ler o desenvolvimento da modalidade a partir do cenário que se consolidou com a estruturação de um circuito nacional na década de 1970. Para além disso, há tendência a buscar no passado evidências apenas acerca da atuação das entidades que hoje são mais visibilizadas pela cobertura espetacular que incide sobre o esporte.

Esse tipo de operação de pesquisa acaba por ignorar o amplo processo de conformação do sistema mercadológico e midiático de organização do futebol e por projetar na interpretação do passado uma perspectiva teleológica que enquadra a narrativa de modo a essencializar a atual configuração entre futebol profissional e outras formas de desenvolvimento da prática. Nessa medida, diversas expressões da modalidade tal qual aquela que se desenvolvia em pequenos clubes e que iria constituir os vários circuitos amadores, o jogo praticado por mulheres, bem como outras dinâmicas que dariam origem a variações tais como o futebol de areia e o futsal são ignoradas.

A título de exemplo, pode-se citar os limites desse tipo de interpretação que estabelece uma espécie de corte linear no ano de 1933 para casos como os de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e que desconhece que a conformação dos circuitos profissional e amador foi operação que transcorreu por décadas. Ao focar apenas na participação dos clubes mais visíveis, tais como Atlético, Cruzeiro e América, para o caso mineiro, e na primeira divisão do campeonato local que disputavam, ignora-se um processo de conformação das divisões inferiores, nas quais agremiações que inicialmente mantiveram-se amadoras fizeram transições mais tardias, algumas das quais, pouco tempo depois, retornaram ao amadorismo.

Esse e outros eventos, que se estenderam para muito além da década de 1930, mostram a necessidade de estudos mais abrangentes acerca da prática, os quais estejam atentos às armadilhas impostas por uma leitura do passado que restringe o escopo da pesquisa apenas ao universo dos clubes bem-sucedidos, com o risco de se fazer interpretação baseada em resultado conhecido previamente e tomado como natural.

Tal perspectiva pode ser replicada para outras abordagens temáticas, tais como aquelas que relacionam o futebol aos seus usos políticos. Ao enfatizarem essa articulação apenas ao nível do selecionado nacional, dos grandes clubes, da CBF, antiga CBD, e das federações estaduais, desconhece uma série de outras aproximações que se davam em escala regional e que são especialmente importantes para compreensão de redes clientelistas locais, baseadas nos poderes legislativos municipais e sua inserção nos bairros das grandes cidades.

Da mesma forma, podem ser destacadas as constituições identitárias que são feitas em escala micro, quando se pensa a sociabilidades de bairros e a sua representatividade por entidades amadoras. Ou ainda, as reconfigurações do jogo, com inovações táticas e técnicas, as quais têm outras repercussões no universo ampliado da prática.

Enfim, há todo um leque de possibilidades de análise que acaba sendo descartado a partir do momento em que o universo da pesquisa se restringe por um corte dado por fenômenos ocorridos *a posteriori*, cujos resultados não estariam necessariamente claros para os atores sociais que o vivenciavam naquele instante.

Iniciativas como o Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte representam não apenas medidas de qualificação de políticas públicas para o setor, mas permitem, por meio do mapeamento, coleta e constituição de acervos, oportunidades para ampliação do escopo da pesquisa sobre o futebol no Brasil. Tal alargamento contribui não só para o (re)conhecimento de uma expressão dessa modalidade esportiva de alta penetração social, como pode permitir maior qualificação das leituras acerca do seu desenvolvimento, colocando-o em perspectiva com outras possibilidades presentes nos diferentes momentos históricos.

Referências Bibliográficas

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FONTES, Paulo. Futebol de várzea and the working class – amateur football clubs in São Paulo, 1940s – 1960s. In: FONTES, Paulo; HOLLANDA, Bernardo Buarque de (Org.). *The Country of Football: Politics, Popular Culture, and the Beautiful Game in Brazil*. Londres: Hurst Publishers, 2014, p. 87-101.

GOMES, Lívio Rodrigues. *Entre campos e cantos: para uma sociologia do futebol amador*. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

- GONÇALVES, Alana Mara Alves. *Futebol amador: campo emergente de sociabilidade*. 2002. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, 2002.
- GONÇALVES, Glauco Roberto. *A crise da cidade em jogo: o futebol na contramão em ruas da Penha*. 2011. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.
- HIRATA, D. V. *O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo*. 2005. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.
- IPHAN. *Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.
- LAGE, Marcus Vinicius Costa; MEDEIROS, Regina de Paula. Aspectos sociológicos da profissionalização do futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930. *Esporte e Sociedade*, ano 9, n. 23, março 2014, p. 1-14.
- MAGNANI, José Guilherme; MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. *Revista do Patrimônio*, Brasília, n. 24, 1996, p. 175-184.
- MYSKIW, Mauro. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*. 2012. 415 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PIMENTA, Rosângela Duarte. *Desvendando o jogo: futebol amador e pelada na cidade e no sertão*. 2009. 224 f. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemoreda. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. *Movimento*. Porto Alegre, v. 16, n. 3, 2010, p. 153-177.
- SANTOS, Marco Antonio da Silva. *Futebol de várzea como espaço de sociabilidade*. 2001. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 21, n. 2, jul/dez, 2013, p. 125-151.

SILVA, Alexsander Batista e. *Territórios peladeiros da periferia proletária de Goiânia: o jogo de bola que subverte o tempo e o espaço*. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, 2008.

SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)*. 2013. 210 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

SILVA, Joanna Lessa Fontes. *Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional*. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

SPAGGIARI, Enrico. *Família joga bola: Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. 2015. 470 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

_____. Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática futebolística em um bairro rural. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 14, n. 30, jul/dez, 2008, p. 165-190.